

70 KM

ALUNOS DA ZONA RURAL DO PARANOÁ CORREM RISCO DE VIDA A CADA IDA PARA O COLÉGIO

DF-Educação
011
Reportagem 0089

TRAJETO

Adolescentes da região rural do Paranoá enfrentam 150 km de viagem em dois ônibus da TCB, em péssimo estado, para chegar à escola do PAD-DF



PARA IR À ESCOLA

Adriana Baumgratz e
Cristine Gentil
Da equipe do Correo

Um trapo desbotado encobre parte do rosto. Amarrado na nuca, perto do elástico do boné empoeirado. Somente os olhos ficam desprotegidos. Quase imperceptíveis diante da roupa esquisita. As meninas, vaidosas, trazem as pequenas toalhas puídas de casa, escondidas nas mochilas descoloridas. Os meninos, mais relaxados, esquecem o arsenal. Se limitam a bater a poeira do agasalho com as mãos, algumas marcadas da lida na lavoura. Logo o ônibus de lataria avermelhada surge em uma das curvas da colônia agrícola Buriti Vermelho, na zona rural do Paranoá. Levanta o pó fino que irrita os olhos e a garganta.

Com um pouco de sorte, é possível conseguir um lugar no coletivo da linha 613 da TCB, um dos dois únicos ônibus disponíveis para levar à escola as crianças e adolescentes de cinco comunidades da zona rural do Paranoá. Cada ônibus tem capacidade para 40 pessoas sentadas. Mas, muitas vezes, chega a levar 83 meninos e meninas, segundo os cálculos da comissão de pais da região de Buriti Vermelho.

Seis horas da manhã. No céu, um sol tímido entre as nuvens. A plantação aproveita o que restou do sereno. Ventania e frio. As irmãs Ângela Maria e Andréia Moraes Dantas estão preparadas para mais um dia de aula. Estavam de pé às 5h. Bastou o barulho do despertador. De café tomado e uniforme limpo, as adolescentes despedem-se da mãe, Maria de Fátima, e se juntam aos colegas perto de casa.

Em poucos minutos, as estudantes começam a sacolejar na traseira do ônibus da linha 613. Deixam para trás a cama desarrumada e uma mãe ansiosa. A dona-de-casa Maria de Fátima Dantas, 40 anos, fica com o coração apertado. Teme pela segurança dos filhos. Acidentes envolvendo os adolescentes têm sido comuns na linha que corta mais de cinco lugarejos até chegar ao pátio da escola do Programa de Assentamento e Desenvolvimento do Distrito Federal (PAD/DF), no Paranoá.

Em março, o filho de Maria de Fátima, Aureliano Dantas, de 14 anos, caiu de uma das janelas do ônibus na curva do Palmital. Levou três pontos na cabeça, três no joelho esquerdo e teve vários arranhões pelo corpo. O rapaz não se lembra do acidente. Acha que estava encostado perto da vidraça, que se soltou na hora da curva. Aureliano avalia que foi jogado para fora do ônibus. Dias atrás, só andava com a ajuda de muletas. Ontem, estava novamente na única condução disponível para levá-lo ao colégio. Enfrentaria o mes-

Fotos: André Corrêa



Os alunos da Escola Classe PAD/DF, no Paranoá, acordam antes das 5h da manhã e se protegem com toalhas para percorrer 70 quilômetros de ônibus velho, em estrada poeirenta.

mo percurso e os mesmos perigos.

A comunidade de Buriti Vermelho, Barra Alta, Suçuarana e redondezas está preocupada. Um abaixo-assinado com 400 nomes foi encaminhado às secretarias de Educação e Transportes. Os moradores, a maioria agricultores, querem uma nova linha de ônibus que passe por Capão Seco. O novo trajeto reduziria pela metade o caminho de estrada de chão batido até o PAD/DF, estimado hoje em 70 quilômetros. Eles reivindicam também a ampliação da Escola Classe Buriti Vermelho, que só atende até a 4ª série. Assim, os adolescentes de lá poderiam continuar estudando na região e não precisariam se deslocar até o PAD-DF.

Os dois pedidos estão sendo analisados pelo governo. A Secretaria de Educação vai pedir urgência ao departamento de Engenharia da Fundação Educacional na análise do projeto para a construção de uma nova escola ou para a ampliação da que já existe. A Secretaria de Transportes reconhece a gravidade da situação e encaminhou um pedido de providências ao Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU).

LOTAÇÃO

Ângela Maria Dantas, 13 anos, aluna da 7ª série do ensino fundamental e a irmã, Andréia, 15, da 2ª série do ensino médio, sempre viajam apreensivas. Durante o percurso, que dura, em média uma hora e meia, só de ida, as adolescentes não conseguem disfarçar a insegurança. Ônibus lotado. Quem fica de pé se arrisca com as freadas bruscas. De 50 em 50 metros sobe mais uma leva de alu-

nos. Carregando nas costas mochilas pesadas, usando sandálias e um agasalho sobre a camiseta da escola. Adiante, outros descem para as aulas do Núcleo Jardim Rural II.

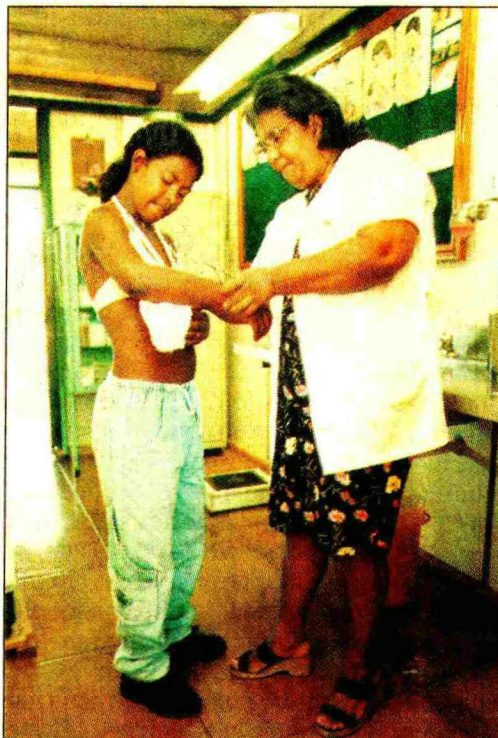
As janelas do ônibus estão desgastadas. Frágeis para suportar o peso dos estudantes, que entre um sacolejo e outro, acabam esbarrando nos vidros, sem a borracha de proteção. Em pé, encostados uns nos outros, ou sentados, os estudantes conversam pouco. Não arriscam-se a abrir um caderno ou livro nem mesmo em dia de prova. "Com essa poeira...", justifica Simone Ribeiro, de 14 anos, da 8ª série do ensino fundamental. A

mesma toalha que cobre os cabelos castanhos da menina serve, no final da viagem, para bater o pó grudado na roupa.

Simone e as colegas Ângela Maria e Andréia viajam com medo. Já se acostumaram com a paisagem bucólica da janela. Não admiram o verde do milho ao longo da estrada nem a lentidão das vacas no pasto revirando o capim molhado. Temem pelo caminho. Principalmente quando o motorista da linha 613, Francisco Jesus Medeiros, de 42 anos, há dois fazendo o mesmo trajeto, reduz a marcha nas proximidades da ponte do Córrego do Quilombo, na DF-295, que faz a ligação de Formosa (GO) e Unai (MG).

ACIDENTES

Em fevereiro, cinco bóias-frias morreram e 18 ficaram feridos num acidente de ônibus na ponte. A marcha não engatou. Quem estava nos bancos da frente do coletivo desabou sobre os colegas de trabalho na traseira. São quatro pontes até chegar à escola. Duas de concreto. Duas de madeira desgastada pelo tempo. De longe parecem pinguelas. A impressão é que não vão suportar o peso dos 80 estudantes no interior do ônibus. "Só vale a pena mesmo porque estamos cuidando do nosso futuro", assegura a estudante Andréia Dantas, que quer ser dentista.



Romária dos Santos despendeu da janela traseira do ônibus e machucou o braço

Com a experiência de volante, o piauiense Francisco Jesus engata a primeira marcha e segue com o ônibus lentamente. "Ponte de madeira é só perigo. Dobro a atenção", diz. E o coletivo passa pela ponte sem muretas de proteção. Embaixo, no córrego, ainda existem pedaços de metal retorcido do ônibus que levava os bóias-frias em fevereiro. À frente, uma subida íngreme. Simone Ribeiro, as irmãs da família Dantas, todos ficam em silêncio. "Essa hora é horrível", conta a adolescente. "O que a gente queria mesmo era ter mais segurança e um ônibus maior", completa Andréia Dantas.

A irmã, Ângela Maria, não esquece do acidente com o irmão, Aureliano, e o mais recente, envolvendo as colegas Romária dos Santos, 12 anos, da 6ª série e Janaína Nolasco, 14, da 8ª série. Na última sexta-feira, as meninas despencaram de uma das janelas traseiras do ônibus da linha 189, a outra que leva estudantes para a escola do PAD/DF, sem passar no núcleo rural de São Marcos. Romária está com o braço esquerdo imobilizado. Não pode escrever. Sofreu escoriações nas pernas e nas costas. "Acho que desmaiei", recorda.

Janaína Nolasco se recupera na casa da família, em Capão Seco. Ela acredita que caiu em cima de Romária. As meninas estavam de pé, junto ao banco, quase encostadas na janela frouxa, que não suportou o peso em uma das curvas, perto da escola. Resultado. A estudante machucou os joelhos, caminha com dificuldade e ainda está com um curativo na testa. Recebeu 11 pontos. "Saiu parte do cabelo. Ela fez uma cirurgia no Hran (Hospital Regional da Asa Nor-

te). Acho que volta às aulas amanhã", diz, confiante, a mãe, Valdina Muniz. "A partir de agora vou ficar ainda mais nervosa. Só estarei tranquila quando Janaína chegar em casa", acrescenta.

Perto de 1.400 alunos estudam na escola PAD-DF. A estimativa é que 70% dos estudantes dependem dos ônibus urbanos, onde têm passe-livre para chegar ao colégio. "Um ônibus lotado dá agonia e preocupação sempre", relata a vice-diretora, Neila Lourdes Manfrin.

O estado de conservação dos coletivos também preocupa a advogada do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, Clímene Quirido Ferreira. Clímene deverá pedir à Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília (TCB) uma indenização para Aureliano Dantas, acidentado em março. A comunidade recorreu ao Centro, depois de nove anos cobrando uma solução das autoridades para o problema que se agrava a cada dia.

"São quase 150 quilômetros de ida e volta e os ônibus estão em péssimo estado", observa a advogada. Segundo ela, outro abaixo-assinado será encaminhado à Secretaria de Transportes, reivindicando reformas nas pontes da região. "Estão muito desgastadas. Qualquer dia vai acontecer uma tragédia com essas crianças se as providências não forem tomadas."